

## A AMAZÔNIA DE BRUNO DE MENEZES E ABGUAR: O MODERNISMO COMO FORMA E A AMAZÔNIA COMO CONTEÚDO

Marcos Valério Lima Reis<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto traz à luz duas figuras de destaque do Modernismo amazônico, Bruno de Menezes e Abguar Bastos, dois intelectuais, jornalistas e escritores que integraram a Academia do Peixe Frito. Vale uma releitura com a finalidade de mostrar singularidades da ação de cada um deles para a constituição do processo de modernização das artes e da cultura na Amazônia brasileira, a partir de Belém do Pará.

**Palavras-chave:** Bruno de Menezes; Abguar Bastos; Amazônia; Modernismo; Academia do Peixe Frito.

### L'AMAZONIE DE BRUNO DE MENEZES ET ABGUAR: LE MODERNISME COMME FORME ET L'AMAZONIE COMME CONTENU

**Résumé:** Ce texte met en lumière deux figures marquantes du modernisme amazonien, Bruno de Menezes et Abguar Bastos, deux intellectuels, journalistes et écrivains qui ont fait partie de l'Academia do Peixe Frito. Il mérite une relecture afin de montrer les singularités de l'action de chacun d'eux pour la constitution du processus de modernisation des arts et de la culture en Amazonie brésilienne, à partir de Belém do Pará.

**Mots clés:** Bruno de Menezes; Abguar Bastos; Amazone; Modernisme; Academia do Peixe Frito.

### LA AMAZONIA DE BRUNO DE MENEZES Y ABGUAR: EL MODERNISMO COMO FORMA Y LA AMAZONIA COMO CONTENIDO.

**Resumen:** Este texto trae a la luz dos figuras destacadas del Modernismo amazónico, Bruno de Menezes y Abguar Bastos, dos intelectuales, periodistas y escritores que formaron parte de la Academia do Peixe Frito. Vale la pena una relectura para mostrar singularidades de la acción de cada uno de ellos para la constitución del proceso de modernización de las artes y la cultura en la Amazonía brasileña, a partir de Belém do Pará.

**Palabras clave:** Bruno de Menezes; Abguar Bastos; Amazonas; Modernismo; Academia de Pescado Frito.

<sup>1</sup>Pós-doutor em Comunicação/Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (Unama).  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9172-5581>  
E-mail.: marcosvaleriores@gmail.com



No ano do centenário da semana de Arte Moderna em 2022, é imperativo lançar o olhar sobre os diversos Modernismos que aconteceram no Brasil. Utilizamos a palavra Modernismos, no plural, para identificar que, mesmo com muitas ideias e debates acontecidos no Brasil, a historiografia Literária brasileira prioriza o Modernismo que possui a centralidade em São Paulo e com os cinco escritores canônicos, quando se fala da semana de arte Moderna. Menotti del Picchia, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral. Por isso, e para provocar o pensamento em uma descentralidade desse debate, é importante buscar o perspectivismo Amazônico no Modernismo brasileiro. Temas devem ser abordados quando se pensa nesse movimento de ruptura, a saber, a memória e a construção das narrativas sobre a Amazônia, as manifestações de grupos locais que, invisíveis, buscaram visibilidade de sua produção. Para isso, traremos a lume a figura de dois intelectuais, jornalistas e escritores, que faziam parte da Academia do Peixe Frito<sup>2</sup>: Bruno de Menezes e Abguar Bastos. Antes de direcionar ao objetivo deste texto, vale ressaltar a atuação da Academia do Peixe Frito, uma associação informal de escritores, artistas e outros intelectuais que buscava impulsionar a literatura paraense, tanto em termos de produção quanto de publicação e divulgação de obras literárias e textos jornalísticos, cujos trabalhos iniciaram, provavelmente, a partir dos idos 1920, atravessando algumas décadas. Nomes como Bruno de Menezes, Abguar Bastos, Dalcídio Jurandir, Jacques Flores, Eneida de Moraes entre outros. Esses jovens revolucionários que se reuniam para discutir e escrever literatura autodenominaram-se ‘Vândalos do Apocalipse’, título criado por Bruno de Menezes, que fomentava o Modernismo paraense. O grupo teve ainda outros nomes, ‘Academia ao Ar Livre’ e ‘Associação dos Novos’. Depois, o grupo ganhava nova titulação: ‘Academia do Peixe Frito. Essas disputas pela modernidade fizeram parte desse eixo, dessa visão intelectual sobre a Amazônia, o lugar da Amazônia nesse debate intelectual aqui destacou Bruno de Menezes (1893 – 1963) e Abguar Bastos (1902-1993), escritores que interpretaram e viveram a Amazônia.

Bruno de Menezes, intelectual das letras paraense empresta a sua poesia Bailado Lunar como o marco do Modernismo na Amazônia. Bruno foi um articulador da produção literária nessa região, funda junto com outros escritores a revista Belém Nova, outro marco do Modernismo na Amazônia, e amplia sua discussão sobre a negritude. Bruno, nos anos de 1920, sinaliza as discussões sobre o Modernismo com a poesia Arte Nova:

#### Arte Nova

Eu quero um’Arte original... Daí  
esta insatisfação na minha Musa!  
Ânsias de ineditismos que eu não vi  
e o vulgo material inda não usa!

E a Idéia é ignota... A Perfeição em si,  
tem segredos de morte e alma reclusa...  
Sendo a glória espinhosa, – eu me feri...  
justo e, pois, que este sonho arda e relusa!...

Toda a volúpia estética do Poeta  
que eu sou, – para a Poesia que mim sinto,  
provém desse Querer em linha reta!

Gloriosa um’Arte que os Ideais renova!  
– Razão da causa por que eu me requinto  
na extravagância de uma imagem nova!  
(Menezes, 1993: 454)!<sup>3</sup>

<sup>2</sup>A Academia do Peixe Frito foi um marco, espécie de ponto de virada, quando se pensa em agregar escritores que produziram ideias radicais de mudanças na capital paraense. Coadunados com o espírito de mudança de seu tempo, eles trouxeram para o centro da cena intelectual personagens, cenas e costumes das periferias de Belém e do interior da Amazônia. Com isto eles ensejavam difundir um modo de vida bastante nosso, peculiar, desconhecido da grande maioria do brasileiro médio. Bruno de Menezes, De Campos Ribeiro, Paulo de Oliveira, Ernani Vieira, Muniz Barreto, Arlindo Ribeiro de Castro, Lindolfo Mesquita, Sandoval Lage, Abguar Soriano de Oliveira Bastos, Jaques Flores, Raul Bopp, Nunes Pereira, Edgard de Souza Franco, Farias Gama, Severino Silva, Rodrigues Pinagé, Clóvis de Gusmão, Dalcídio Jurandir, Santana Marques, Vicente Sales. (Figueiredo - 2001, Coelho - 2003, Castro - 2011, Larêdo - 2012) são nomes que se inscrevem numa roda viva entre as redações dos jornais, cafés, bares e botequins da cidade, dando vida a esta agremiação lúdico-anárquico-boêmia que muda por completo nosso modo de ver e ler a literatura e planta um modelo bem-sucedido de difusão da arte e das ideias. (REIS, 2020)

<sup>3</sup>MENEZES, Bruno. Obras completas: Bruno de Menezes. Belém: Secult, v2,1993.

O poema enfatiza a insatisfação e a ânsia por uma nova arte, torna evidente sua percepção sobre o momento literário que estava vivendo e aponta para a construção de uma nova poética. Bruno, em seu metapoema, rejeita a cópia e busca a arte inédita.

Abguar Bastos, por meio de seus manifestos publicados em 1923, “A geração que Surge”, o outro em 1927, com o título de Flamin’Açu, que em tupi guarani se traduz para a “grande Chama”, e o livro terra de Icamiabas, materializa um projeto de visibilização da Literatura produzida na Amazônia e que ganha eco com Eneida de Moraes no Livro “Terra Verde” (1929). Eneida capta o discurso dos manifestos de Abguar Bastos e os expõe, liricamente, no poema. A intencionalidade é de visibilizar o Norte, cantar seus heróis e destacar a região. Eneida<sup>4</sup> faz eco à ideologia brasílica. Menezes e Bastos, com modos distintos de perceber e vivenciar a Literatura produzida na região, possuem características em comum na busca da consolidação da arte literária amazônica. Neste sentido, buscamos aqui, mesmo que de forma panorâmica, trazer o cerne desses escritores e sua labuta por uma Literatura com lócus nessa região, visibilizar o movimento idealizado por eles como proposta estética para o modernismo brasileiro a partir da Amazônia.

No Norte brasileiro, os manifestos buscavam evidenciar a produção literária local com base em suas particularidades e objetivavam disseminar obras e autores ocultos diante da hegemonia do Sul e Sudeste do Brasil. “Grande parte deles, no Pará nos anos de 1920 foram incentivados pelas enxurradas de ‘ismos’, socialismo, anarquismo, sindicalismo, comunismo, associando ao ultraísmo e ao futurismo.” (FIGUEIREDO, 2016, p. 140). Indubitavelmente, os manifestos modernistas paraenses estavam atrelados à Semana de Arte Moderna e ao movimento paulista de 1922, “mesmo que para questionar a autoridade e a influência da semana de 1922.” (FIGUEIREDO, 2016, p. 140). Questionamentos que provocaram o desassossego dos intelectuais paraenses ante à falta de atenção dos paulistas. Fato marcadamente presente na voz uníssona dos escritores paraenses. “O Sul se esquece de nós<sup>5</sup>”, “o nosso Estado (Pará) nunca esteve atrelado a carro de bois<sup>6</sup>” e “São Paulo está com nossas ideias<sup>7</sup>” foram frases circundantes nos grupos de escritores que bradavam a legitimação da arte e da literatura paraense.

<sup>4</sup>Eneida Costa de Moraes nasceu em Belém no dia 23 de outubro de 1903, filha de Guilherme Joaquim da Costa e de Júlia Vilas Boas Costa. Seu pai, caboclo amazonense enriquecido no período do apogeu da borracha, costumava contar-lhe lendas amazônicas, que vinham se somar às histórias infantis narradas por sua babá francesa, Elise Platt. Aprendeu a ler em casa, iniciando em seguida o curso primário na escola de dona Hilda Vieira. Por insistência de sua mãe, aprendeu declamação e, aos seis anos, já recitava A Lágrima, de Guerra Junqueiro. Aos sete escreveu seu primeiro conto e aos oito anos foi matriculada como interna no Colégio Notre-Dame de Sion, educandário de freiras localizado em Petrópolis (RJ), onde permaneceu até os 13 anos. Novamente em Belém, tinha 17 anos quando sua mãe morreu, vitimada pela gripe espanhola, deixando-lhe uma boa biblioteca. Depois de fazer os cursos preparatórios no Colégio Gentil Bittencourt, ingressou na Faculdade de Odontologia da capital paraense. Já então participava do movimento literário do Pará, publicando crônicas e poesias em diversos jornais — entre os quais o Estado do Pará — e revistas como Guajarina e A Semana, da qual foi secretária, em substituição a Pelegrino Júnior. Formou-se em odontologia em apenas um ano e foi a oradora da turma. Colaboradora da revista Para Todos, dirigida por Álvaro Moreira, a quem conhecera numa viagem ao Rio de Janeiro, então Distrito Federal, lançou em 1929 seu primeiro livro de poemas, Terra verde. No ano seguinte, já separada do marido, transferiu-se para o Rio de Janeiro, ligando-se de imediato a um grupo de escritores e intelectuais, entre os quais Murilo Mendes, Cícero Dias, Manuel Bandeira, Aníbal Machado, Raquel de Queirós e Sérgio Buarque de Holanda. Em 1932 mudou-se para São Paulo, onde passou a desenvolver intensa atividade política como membro da seção paulista do Partido Comunista Brasileiro, então Partido Comunista do Brasil (PCB). Devido à sua militância, ainda em 1932 esteve por quatro meses na prisão.

Retornando ao Rio de Janeiro, ingressou, em maio de 1935, na União Feminina do Brasil (UFB), movimento político fundado naquele mês tendo como proposta uma luta mais ampla pelos direitos políticos, sociais e trabalhistas da mulher. A UFB era filiada à Aliança Nacional Libertadora (ANL), frente oposicionista de âmbito nacional organizada sob a hegemonia do PCB, cujo programa defendia o combate ao fascismo, ao imperialismo, ao latifúndio e à exploração.

Esmagada a Revolta Comunista promovida pela ANL em novembro de 1935, Eneida foi presa pela polícia do Distrito Federal sob a acusação de ter mantido contatos — usando o pseudônimo “Nat” — com Paulo Caio Prado, encarregado de informar-se junto ao ministro das Relações Exteriores, José Carlos de Macedo Soares, sobre as diligências policiais para capturar Luís Carlos Prestes, um dos chefes do movimento armado. Durante os interrogatórios, negou tanto o pseudônimo quanto a autoria de uma carta que relatava seu envolvimento político com Caio Prado. Em seu poder foi apreendido um bilhete com sua assinatura, dirigido a Maria Moraes Werneck de Castro, dirigente da UFB e também acusada de participação na Revolta Comunista. Detida no pavilhão dos primários do presídio da rua Frei Caneca, no Rio de Janeiro, conviveu na prisão com o escritor Graciliano Ramos, que a ela se referiu em seu livro Memórias do cárcere. Nesse período, no ano de 1936, Eneida escreveu um livro de contos intitulado O quarteirão, com o qual se candidatou ao Prêmio Humberto de Campos. Presa diversas vezes durante o Estado Novo (1937-1945), passou sérias dificuldades, tendo trabalhado como operária, tradutora e redatora de artigos políticos. Numa de suas prisões, iniciou a elaboração de uma história popular das lutas brasileiras, projeto que, todavia, não levou à frente. Entre 21 e 27 de janeiro de 1945 participou, como delegada de Minas Gerais, do I Congresso Brasileiro de Escritores, em São Paulo, num momento político que marcava o início do desmoronamento da ditadura estado-novista. Em 1946, já no governo do general Eurico Gaspar Dutra, começou a escrever para o Momento Feminino, do Rio. Três anos depois viajou a Paris, onde, além de estudar literatura, tornou-se colaboradora do Diário Carioca, jornal dirigido por seus amigos Otávio Tirso e Prudente de Moraes Neto. Ainda em Paris, travou conhecimento com Jean Cocteau, Paul Eluard, Louis Aragon e Pablo Picasso.

De volta ao Brasil, começou a trabalhar em 1951 no Diário de Notícias, assinando uma coluna de informes literários intitulada “Encontro matinal”. Dois anos depois lançou Sujinho de terra, que lhe valeria em 1957 o prêmio de literatura infantil da Prefeitura do Distrito Federal. Ainda em 1953 deixou o Diário Carioca e, a partir de então, intensificou sua produção literária. Em 1954 lançou os livros Cão da madrugada, de crônicas, com recordações de infância e impressões de Paris, Alguns personagens, reunindo uma novela e cinco reportagens, e em 1957 publicou Aruanda, crônicas e memórias. Em História do carnaval carioca, editado em 1958, revelou sua paixão pelo carnaval, do qual foi grande entusiasta, tendo inclusive criado o baile do Pierrô. Em meados de 1959 viajou à União Soviética a convite do Sindicato de Escritores daquele país. Visitou também a China Popular e outros países socialistas. Suas impressões de viagem ganharam a forma de livro em Os caminhos da terra, lançado em 1960, e no mesmo ano publicou Guia da mui bem amada cidade. Em 1961 publicou Romancistas também personagens e em 1962 Banho de cheiro, no qual relata episódios de sua prisão em 1935. Molière narrado para crianças e Boa noite professor, ambos livros de contos, datam de 1965. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 27 de abril de 1971. Teve dois filhos. Um deles, Otávio de Moraes, foi jogador de futebol do Botafogo Futebol e Regatas e chegou à seleção brasileira.

<sup>5</sup> Expressão contida no Manifesto Flamináçu – Abguar Bastos.

<sup>6</sup> Expressão cunhada por Georgeton de Souza Franco. Ver: Crônicas de um poeta. 1986.

<sup>7</sup> 3 Frase inserida no Manifesto à Beleza de Francisco Galvão.

Os posicionamentos desses escritores possuíam um caráter de desagravo quanto à forma com que a literatura era percebida. Para se contrapor a esse momento, Severino Silva apresenta, no primeiro número da *Belém Nova*<sup>8</sup>, o póstumo com o título **reacção corajosa** e reacção fecunda inferindo a importância de reagir ante o que acontecia com a arte na região. Georgenor Franco<sup>9</sup> é enfático no entendimento de que a literatura paraense possui autonomia e já formara grupos de debates sobre a nova arte, por bairrismo ou por pertencimento a um movimento intelectual local. Pacheco (2013) explica o pensamento de Franco:

[...] mesmo que não está negando os diálogos e os intercâmbios culturais estreitados entre o sul e o norte. Tampouco está negando o mérito dos paulistas na organização da Semana de Arte Moderna, ou a contribuição de Raul Bopp, Mário de Andrade, Joaquim Inojosa e outros. Pensamos que Georgenor Franco tentou esclarecer que não foi só depois da Semana de Arte Moderna que o Pará veio a conhecer o Modernismo. No Pará e na Amazônia, de um modo geral, assim como em São Paulo, os intelectuais que estavam à margem do cânone literário começaram a se reunir, formar grupos, debater e partir para operar mudanças não só no campo literário, mas também no campo político, econômico e social. O que Georgenor Franco talvez queira explicar é que não estávamos de braços cruzados esperamos que São Paulo enviasse a nova moda literária. (PACHECO, 2013, p. 171).

Buscando evidenciar a arte literária, os intelectuais do Norte confirmam a ideia de debates sobre a nova arte – Modernismo –, antes mesmo da Semana de Arte Moderna; como afirma Pacheco (2013), “não estávamos de braços cruzados”. Abgvar Bastos escreve e publica, na *Revista Belém Nova*, dois manifestos: *À geração que surge*, em 1923 e *Flamin’Açu*, em 1927. Estrategicamente, o primeiro já evidenciava uma geração de escritores que contribuíram para a ruptura com o passadismo e o segundo coloca em relevo as particularidades da escrita regional. Nessa ótica, é relevante sublinhar as revistas literárias, instrumentos de comunicação imprescindíveis à divulgação da literatura produzida por aqui, particularmente aqui, a publicação dos manifestos e das ideias literárias, notadamente em diversos estados brasileiros.

O escritor pernambucano, Joaquim Inojosa, legitima a revista *Belém-Nova* como periódico que aglutinou os Novos do Pará e defende a ideia de que o Modernismo chegou a Belém, pelo Recife e não pelo Sul, ideia completamente dispare e desproporcional, quando se analisa o depoimento de Peregrino Junior no ensaio sobre o movimento modernista, nele percebemos os anseios por uma nova literatura.

Na poesia *Arte Nova* (1920), Bruno de Menezes busca uma “arte original”, da mesma forma, Georgenor Franco, quando afirma que o “Pará não estava atrelado a nenhum carro de Boi”; são elementos suficientes para legitimar a atuação dos nossos escritores na consolidação de uma arte Literária.

Peregrino Júnior (1954, p. 16-17) infere que movimentos literários aconteciam no Pará em um cenário cultural desde 1919 e, notadamente, na revista *Efêmeris*, para ele, primeiro sinal do Modernismo no Brasil. Na quarta edição da revista *Belém Nova*, Bruno de Menezes escreve um manifesto editorial com o título de “Para Frente!”, em que destaca os esforços coletivos dos intelectuais nortistas dentro do movimento modernista. Na edição seguinte da revista, a continuidade do manifesto surge com o título, “Uma reacção necessária<sup>10</sup>”, também protagonizada pelo diretor da Revista, Bruno de Menezes.

<sup>8</sup> *Belém Nova*. Belém, n.1, s/p, 15 set. 1923.

<sup>9</sup> Nasceu em Belém, 1919 e faleceu em 1985. Usava na coluna Ronda Literária, da Folha do Norte, o pseudônimo Geofran. Intelectual paraense de Letras, onde ocupou a cadeira cujo patrono é Luis Tito Franco de Almeida. Membro do Conselho Estadual de Cultura, Instituto Histórico do Pará, Federação das Academias de Letras do Brasil (Rio), e sócio correspondente das Academias de Letras do Amapá, Amazonas e Ilhéus. Tomou parte em 1954, como convidada especial, no I Congresso Internacional de Escritor Brasileiro, 1953, no Rio de Janeiro, promoção da União Brasileira de Trovadores. Publicou: *Poeira da minha estrada: contos e crônicas*; *Ouro e lama: contos e crônicas*, 1ª e 2ª edições esgotadas; *Poemas dentro da noite* (1957), obteve o prêmio Santa Helena Magno, do governo do Estado do Pará, como a melhor obra poética publicada no Pará, naquele ano; *Rosa da Noite* conquistou Menção Honrosa no Concurso Nacional de Poesia do Clube de Poesia de Campos-Rio, 1963 e outras. Vários textos, principalmente, de ficção e memória ficaram inéditos. No conto e na crônica, discorre com muita facilidade, ora abordando o drama (quase ao estilo romântico), ora provocando o riso, ora expondo o corriqueiro de uma cena que lhe ficou na memória. Não foi um inovador, em matéria de estilo, mas na sua simplicidade, agrada profundamente. Como poeta, integra o grupo dos grandes mestres do Pará.

<sup>10</sup> *Revista Belém-Nova*. N 05. 10.11.1923

O esforço conjunto do grupo de intelectuais encontrava ancoradouro no “sentido político e publicidade a um novo veículo de ideias – uma simples “revista de Arte e literatura” (FIGUEIREDO, 2016, p. 143), além de uma conceituação sobre a importância do movimento modernista na educação de jovens. Percebe-se que os manifestos são instrumentos indicadores de uma nova abordagem literária de forma e conteúdo, com o intuito de romper com o tradicional e estabelecer o novo ou iniciar uma nova fase literária. Desse modo, utilizando-se de manifestos, Abguar e Bruno lançam seus brados e dissonância em “um apelo de necessidade e independência” das letras nortistas.

Abguar Bastos, diferentemente de Bruno de Menezes, rejeitava os ditames provenientes do Sul e assumia sua “Amazonicidade” contrapondo-se ao pensamento paulista. Com ideia questionadora, Bastos publica seu primeiro manifesto, À geração que surge e dirige-se aos “jovens da terra” (FIGUEIREDO, 2016). O manifesto coloca em confronto o protagonismo do Sul em relação às outras regiões do país. Parceiros no mesmo propósito, porém, dissonantes nas particularidades da visão do movimento modernista paraense, Bruno de Menezes e Abguar Bastos, são partícipes do mesmo núcleo de discussão, possuíam funções distintas na condução das ideias. Bruno de Menezes, com a poesia “Bailado Lunar” marca a tessitura poética do Modernismo na Amazônia e agrega os escritores locais em torno da nova estética por meio da Revista Belém-Nova. Abguar Bastos, com sua visão, por vezes, bairrista, polariza no Brasil as discussões e embates da Literatura produzida na Amazônia, aferindo à escrita local, o espaço renegado pelos paulistas. A intencionalidade de Bastos e Bruno estava em incorporar à literatura brasileira elementos da cultura amazônica; cortar o fio condutor da influência europeia em nosso fazer literário.

A revista Belém-Nova (1923-1929) foi órgão de divulgação dos manifestos, já que, em seu direcionamento, possuía uma mistura de variadas linguagens, como: pintura, fotografia, gravura, cinema, teatro, crônica, romance e poesia. Figueiredo aponta a nova interpretação da Amazônia pelos caminhos das artes:

Um longo percurso nas artes amazônicas [que] parecia concluir-se ali [na revista], num trajeto que começou antes, muito antes. No Pará, a história inventou o modernismo e, certamente, o modernismo criou uma certa leitura da história da nação. Se no princípio foi necessário pintar um novo passado amazônico, como na tela inaugural de Theodoro Braga, e com isso firmar uma nova interpretação da Amazônia na história do país, nos anos seguintes, foi imprescindível estabelecer os contornos políticos desse movimento intelectual, no intenso cotidiano de festas e datas cívicas revestidas de cunho literário. O modernismo amazônico, vale dizer, se configurou no rescaldo de tudo isso, com o aprendizado e a indignação dos novos letrados locais (FIGUEIREDO, 2001, p. 190).

Bruno de Menezes<sup>11</sup> (1893-1963), de acordo com Figueiredo (2001, p. 193), na quarta edição da revista que foi o embrião da nova geração Moderna do Pará, publica o primeiro texto com tom de manifesto: “Para frente!”. Em seu conteúdo, os dois manifestos de Menezes buscavam agregar os intelectuais paraenses em uma atividade coletiva, como afirma Figueiredo (2016, p. 143):

<sup>8</sup> Belém Nova. Belém, n.1, s/p, 15 set. 1923.

<sup>9</sup>Nasceu em Belém, 1919 e faleceu em 1985. Usava na coluna Ronda Literária, da Folha do Norte, o pseudônimo Geofran. Intelectual paraense de Letras, onde ocupou a cadeira cujo patrono é Luis Tito Franco de Almeida. Membro do Conselho Estadual de Cultura, Instituto Histórico do Pará, Federação das Academias de Letras do Brasil (Rio), e sócio correspondente das Academias de Letras do Amapá, Amazonas e Ilhéus. Tomou parte em 1954, como convidada especial, no I Congresso Internacional de Escritor Brasileiro, 1953, no Rio de Janeiro, promoção da União Brasileira de Trovadores. Publicou: Poeira da minha estrada: contos e crônicas; Ouro e lama: contos e crônicas, 1º e 2º edições esgotadas; Poemas dentro da noite (1957), obteve o prêmio Santa Helana Magno, do governo do Estado do Pará, como a melhor obra poética publicada no Pará, naquele ano; Rosa da Noite conquistou Menção Honrosa no Concurso Nacional de Poesia do Clube de Poesia de Campos-Rio, 1963 e outras. Vários textos, principalmente, de ficção e memória ficaram inéditos. No conto e na crônica, discorre com muita facilidade, ora abordando o drama (quase ao estilo romântico), ora provocando o riso, ora expondo o corriqueiro de uma cena que lhe ficou na memória. Não foi um inovador, em matéria de estilo, mas na sua simplicidade, agrada profundamente. Como poeta, integra o grupo dos grandes mestres do Pará.

<sup>10</sup> Revista Belém-Nova. N 05. 10.11.1923

<sup>11</sup> Bento Bruno de Menezes Costa nasceu em Belém, Pará, a 21 de março de 1893 e faleceu em Manaus, Amazonas, em 2 de julho de 1963, quando participava de um festival folclórico. Técnico em Cooperativismo, aposentado em 1956 na Secretária da Agricultura do Pará. Jornalista, poeta, pesquisador da cultura popular do extremo norte brasileiro, foi informador preciso, honesto, de incomparável ternura compreensiva pela alma coletiva do seu povo. Seu romance Candunga, 1954, mereceu o prêmio ‘Estado do Pará’, Onze sonetos, 1960, receberam o prêmio ‘Cidade São Jorge de Ilhéus’. Alta percentagem de sua produção está esparsa em revista e jornais. Constituindo documentação valiosa, original, sugestiva brilhante. 11 MENEZES, Bruno de. Pra frente! Belém Nova. n. 4. Belém, 31 de outubro de 1923. 12 MENEZES, Bruno de. Para frente! Belém Nova. n. 4. Belém, 31 de outubro de 1923.

[...] começava por definir o caráter coletivo do movimento nortista, baseado na soma de “energias” que pudessem dar um sentido político e publicidade a um novo veículo de ideias – uma simples “revista de artes e literatura”. Essa lembrança era ainda mais importante porque se estava falando de Amazônia, uma terra que Bruno de Menezes acreditava ser o eterno cenário da luta entre a natureza e a cultura, o ambiente e seu hóspede mais importante. (FIGUEIREDO, 2016, p. 143).

Menezes, com tom conciliador e coletivo, buscava a unidade da produção Literária, produção que conhecia seus meandros e nuances adquiridos na labuta entre a Academia do Peixe Frito e os contatos com escritores externos à região. De um lado, Bruno fortalece o fazer literário na Amazônia Paraense, de outro, Abguar Bastos, em seus dois manifestos, é enfático na defesa política, artística e literária do Norte brasileiro, sua posição como intelectual e conhecedor da cultura da região legitimou sua provocação na produção literária da Amazônia. Os manifestos escritos por Bastos se complementam e são materializados ideologicamente no livro Terra de Icamiba.

O manifesto “À geração que surge”<sup>12</sup>, é um texto que exprime o pensamento coletivo de escritores nortistas por meio da narrativa de Abguar Bastos. O desagravo está no embate de uma literatura esquecida, mesmo diante de uma região que “tem força, tem filhos guerreiros e filhos altruístas”. Um discurso altamente político-literário. O sentimento de pertença de Bastos à região e sua arte literária são os estopins da batalha travada contra a literatura sulista, por isso brada: “Criemos a Academia Brasileira do Norte”. O manifesto “À geração que surge” é um convite aos artistas e escritores do Norte brasileiro a aderirem a renovação literária. Para Abguar Bastos, o “Pará, deveria ser “o baluarte da liberdade Nortista”. Transgredir o que estava instituído na perspectiva de que o “sul esquece de nós”. Por isso, era o momento, “a hora extraordinária de seu Levantamento”. Bastos convoca a “mocidade” a experimentar um novo tempo, a ação libertadora da literatura, com dinamismo, patriotismo e renovação. Sua convocação nesse manifesto quer pôr fim ao estado de estagnação que a arte literária vivenciava, sobretudo, porque “é chegada a hora extraordinária”, o momento contra o anacronismo literário. Para ele, o momento da ressurreição. A literatura nortista estava morta e precisava ressurgir.

O convite de Bastos possui um tom altruísta, um estímulo aos escritores esquecidos do Norte. Abguar acompanhou as diversas fases em que a arte literária da região tentava sair da letargia. A proposta de buscar novos caminhos para escritores e suas obras estava na “Ressurreição dos homens de letras, homens de combate, homens de gênio” (Belém - Nova – nº 05 - 10.11.1923). No seu entendimento, a unidade entre os escritores colocaria a produção literária da Amazônia em circulação e com o reconhecimento de seus autores, uma vez que “O Sul, propositadamente, se esquece de nós”. (Belém - Nova – nº 05 - 10.11.1923). O manifesto é resultante de posicionamento político e literário, estabelecido pela vivência de escritores da região e construído para fazer frente à luta desta classe de artistas e intelectuais, propondo a inserção da arte literária amazônica na produção literária brasileira, tendo o Pará como “baluarte da liberdade Nortista”. A construção metafórica impregnada no manifesto estabelece o espaço de atuação do seu autor e cria condições objetivas para o fazer literário, “Mostremos aos anêmicos de iniciativa”. Uma alusão aos escritores paralisados, os de “estagnação mental”, copiadores, como referência ao que Severino Silva relatou na primeira edição da Belém Nova. Para Bastos, essa paralisia literária chegaria ao fim, se dinâmicas sociais, produções de livros e mudanças e incentivos a esses escritores fossem concretizadas, por isso, a “realização de concursos estaduais<sup>13</sup>” a movimentação em livrarias, uma forma de estabelecer a “justa recompensa ao nosso esforço, o prêmio à nossa tenacidade em prosseguir, pugnando pelo levantamento das letras nortistas”.

<sup>12</sup> Publicado em 10 de novembro de 1923, na revista Belém- Nova

<sup>13</sup> Palavra segue a grafia original.

A percepção das palavras inseridas no manifesto remete a um confronto ideológico, geográfico e literário. Visibilizar a literatura produzida na região seria a dinâmica do objetivo de Abguar, além de legitimar a região, suas particularidades, distorcidas pelo olhar externo, “a literatura equatorial é uma história de mitologia que se anda a contar nos corredores da Academia Brasileira.” (Belém - Nova – nº 05 - 10.11.1923). A ideia era desconstruir a forma exótica atribuída a Amazônia e ao amazônica, tido como mera peça de um fabulário criado nas narrativas europeias e assimiladas pelos escritores brasileiros. Bastos assume uma postura de combate ao externo, critica, veementemente, os modernistas que voltam seus olhares para a região em busca de elementos para a composição de seus arcaísmos literários sem a devida atenção às suas particularidades, fato concretizado na sua obra *Safra*, texto que critica o escritor Mário de Andrade em sua passagem pela região. O autor de *Terra de Icamiba* vislumbra, no manifesto, a um levante literário, uma voz de independência, reconhecimento e sentimento de pertença ao Brasil. “O norte precisa ser brasileiro” (Belém - Nova – nº 05 - 10.11.1923), para isso, precisa libertar-se e valorizar-se, assim, apela à autoestima do escritor. “O Norte tem poder, tem força, tem filhos guerreiros e filhos altruístas! O Norte tem os seus gênios, os seus estetas, os seus cientistas, os seus filósofos! O Norte é dinâmica! É temperamento! É vibração! É intelectualidade!” (Belém - Nova – nº 05 - 10.11.1923). O autor do manifesto utiliza-se da expressão “Cangloremos”, termo que, para Souza (2006), não existe no léxico brasileiro. A palavra de aproximação, “cangloremos”, pode significar: soar de maneira clangorosa, anunciar acontecimento; derivado de “clangor”, som forte e estridente de alguns instrumentos metálicos, como a trombeta. O que nos remete a mesma conotação utilizada para a revista modernista *Klaxon*, fazer barulho. A perspectiva era, de uma forma estridente, barulhenta, metálica, promover o levante da literatura do Norte.

Indubitavelmente, Bruno de Menezes e Abguar Bastos criaram, com suas obras a dinâmica cultural e literária que a região precisava. Neste contexto, os espaços preenchidos por Bruno de Menezes e Abguar Bastos, ante esta nova estética literária, tinham um caráter peculiar. O primeiro promove na poesia as características modernistas e introduz, segundo os críticos, o Modernismo na Amazônia. O segundo polariza as discussões da nova arte e busca evidenciar o espaço amazônico como conteúdo para a identidade brasileira, estabelece uma proposta estética para o Modernismo Brasileiro a partir da Amazônia. Vislumbrando suas obras, Menezes em *Bailado Lunar* indica as características modernas na poesia, e Bastos, com o romance *Terra de Icamiba*, funda o Romance Amazônico.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Abguar. **Terra de Icamiba**: (Romance da Amazônia). Rio de Janeiro: Andersen Editores, 1934.

BASTOS, Abguar. A poesia na terra das Amazonas. **Belém Nova**, nº 2. Belém, 30 de setembro de 1923.

BASTOS, Abguar. À geração que surge. **Belém Nova**, nº 5. Belém, 10 de novembro de 1923.

BRINCHES, V. Dic.; CONG. BRAS. ESCRITORES. I; COUTINHO, A. Brasil; Grande encic. Delta; **Jornal do Brasil** (13/3/74); PORTO, E. Insurreição; REIS, A. Bibliografia bras.; ROQUE, C. Grande; SPALDING, V. Construtores.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **De pinceis e letras**: os manifestos literários e visuais no modernismo amazônico na década de 1920. *Territórios e Fronteiras* (Online), v. 9, p. 130, 2016.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos modernos**: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929. 2001. Tese (Doutorado em História Social) –Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Os novos e o centenário: arte, literatura e efeméride no Pará dos anos 20. **Revista de Estudos Amazônicos**, v. 3, p. 165-183, 2008.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Os vândalos do apocalipse e outras histórias**: arte e literatura no Pará dos anos 20. Belém: IAP, 2012.

FRANCO, Georgetenor. Crônicas de Um poeta. (obra póstuma). **Imprensa Oficial**. Belém Pará. 1986.

MENEZES. — Para frente! II. **Belém Nova**, nº 4. Belém, 31 de outubro de 1923.

MENEZES, Bruno de. — Uma reação necessária. **Belém Nova**, nº 5. Belém, 10 de novembro de 1923.

MENEZES, Bruno. **Obras completas**: Bruno de Menezes. Belém: Secult, v1, 1993

MENEZES, Bruno. **Obras completas**: Bruno de Menezes. Belém: Secult, v2, 1993.

MENEZES, Bruno. **Obras completas**: Bruno de Menezes. Belém: Secult, v3, 1993.

NUNES, Paulo; COSTA, Vânia. Academia do Peixe Frito: diálogos e intersecções entre literatura, jornalismo e Ciências Sociais na Amazônia do século XX. Artigo 40º Encontro Anual da Anpocs. Disponível: [www.anpocs.org/index.php/papers-40-encontro/st-10/st02-8?format=html](http://www.anpocs.org/index.php/papers-40-encontro/st-10/st02-8?format=html). Acesso em 02 de Agosto de 2022

PACHECO, Terezinha de Jesus Dias. Bruno de Menezes e o Modernismo no Pará. Belo Horizonte, v.6, ago. 2003. Disponível em: <http://letras.ufmg.br>. Acesso 19 maio 2016.

REIS, Marcos Valério Reis. Abguar Bastos, **Amazônia e renovação Modernista**: Romances e Manifestos. Tese de Doutorado. Belém. 2020

**Artigo recebido em: 16 nov. 2022. | Artigo aprovado em: 30 nov. 2022.**